



Esta obra possui uma Licença

Submissão: 01/02/2023 | Aprovação: 15/05/2023

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/11084>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v17i29.11084>




Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 17 | N. 29 | Jul-Dez, 2023, pp. 21-36



A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DA LITERATURA AFRICANA

BLACK WOMEN'S RESISTANCE THROUGH AFRICAN LITERATURE

Marcicleia Rodrigues e RODRIGUES 
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)¹

Resumo: O presente trabalho buscou analisar as obras produzidas a partir do período pós-colonial, dando ênfase a três escritoras africanas renomadas, Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie e Scholastique Mukasonga, pertencentes a Moçambique, Nigéria e Ruanda, respectivamente. A partir disso, buscou-se problematizar como as escritoras negras africanas representam e evidenciam a resistência das personagens femininas em suas obras literárias. Para tanto, com os objetivos, procurou-se elencar as formas de representações das mulheres negras e sua ascensão na literatura africana como forma de resistência e mostrar a importância dos estudos das mulheres para a compreensão e discussão do debate sobre feminismo e gênero em África. A metodologia adotada foi de caráter bibliográfica e verificou-se que a partir de um processo reflexivo, as personagens ao entenderem como funcionam as estruturas e a quem realmente ela beneficia, elas a usam a seu favor, criando estratégias de resistência diante de uma sociedade opressiva e excludente.

Palavras-chave: Resistência. Literatura Africana. Feminismos.²

Abstract: *The present work sought to analyze the works produced from the post-colonial period, emphasizing three renowned African writers, Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie and Scholastique Mukasonga, from Mozambique, Nigeria and Rwanda, respectively. From this, we sought to problematize how Black African writers represent and evidence the resistance of female characters in their literary works. Therefore, with the objectives, we sought to list the forms of representations of Black women and their rise in African literature as a form of resistance and show the importance of women's studies for the understanding and discussion of the debate on feminism and gender in Africa. The methodology adopted was bibliographical in nature and it was found that, based on a reflective process, the characters, when they understand how the structures work and who it really benefits, they use it in their favor, creating resistance strategies in the face of an oppressive society and exclusive.*

Keywords: *Resistance. African Literature. Feminisms.*

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Especialização em Educação Especial e Inclusiva; e Docência no Ensino Superior, ambas pela FAETE. E-mail: maricleiarodrigues@yahoo.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender o processo de resistência das personagens femininas apresentadas nas obras de Literatura Africana, no qual, procura-se ressaltar a importância de se trazer a história das mulheres e de dar voz a elas, verificando, assim, que “a maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história” (Scott, 2011, p. 79). A partir disso, busca-se identificar e problematizar como as escritoras negras africanas representam e evidenciam a resistência das personagens femininas em suas obras literárias; verificando-se, dessa forma, os escritos produzidos por elas a partir do período pós-colonial, evidenciando em suas obras a criação de um novo espaço com o qual as mulheres possam se identificar e resistir perante as imposições impostas pelas suas sociedades.

Para tanto é necessário acentuar os objetivos deste trabalho, que traz como objetivo geral analisar como a literatura africana produzida a partir do período pós-colonial se relaciona com o processo de resistência feminina, verificando também, os aspectos culturais, sociais e políticos que influenciaram na inserção da mulher negra na literatura africana pós-colonial. Os objetivos específicos desdobram-se em: elencar as formas de representações das mulheres negras e sua ascensão na literatura africana como forma de resistência a partir de seus escritos; e mostrar a importância dos estudos das mulheres, trazendo um tema marginalizado pela historiografia tradicional ocidental, analisando a sua importância para a compreensão e discussão do debate sobre feminismo e gênero em África.

Para tanto, é possível dizer que este trabalho possui grande relevância, tanto no âmbito social quanto científico. No primeiro pode-se trazer personagens esquecidos pela historiografia tradicional, trazendo novas perspectivas, elementos sociais e culturais que possam facilitar a compreensão do papel das mulheres no processo de suas resistências. No segundo pode-se trazer um tema ainda pouco explorado pela historiografia tradicional, trazendo novas abordagens para a área da História, trazendo novas perspectivas das lutas e resistência das mulheres negras através da literatura.

A partir da leitura dos romances, buscou-se analisar nas obras aspectos que evidenciaram a presença das mulheres negras nestas obras e a construção das estratégias de resistência criadas por elas. Para tanto será necessário analisar as representações das mulheres contidas nestas obras, o lugar social de onde estão a falar, evidenciando as características sociais, culturais e políticas na qual estão inseridas e o modo como veem o mundo a partir de suas perspectivas.

METODOLOGIA

Para a efetivação do trabalho, foi adotada uma pesquisa de caráter bibliográfica, no qual, pode-se verificar que essa pesquisa

abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (Lakatos; Marconi, 2003, p. 183)

A partir disso, foram analisadas três obras de autoras escrevendo de lugares diferentes, distanciando-se em elementos sociais, culturais e políticos, porém tendo algo em comum: a construção de um espaço com o qual as mulheres possam se identificar e resistir perante as imposições impostas pelas suas sociedades. As análises das obras se deram pelo critério de publicação no Brasil, a primeira obra analisada foi de Paulina Chiziane *Niketche: uma história de poligamia*, publicada em 2004, em seguida a obra de Chimamanda Adichie *Hibisco roxo*, publicada em 2011 e, por fim, a obra de Scholastique Mukasonga *Nossa Senhora do Nilo*, publicada em 2017.

APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS

Paulina Chiziane, Chimamanda Adichie e Scholastique Mukasonga trazem em suas obras aspectos que evidenciam elementos de resistência e luta pela consolidação das identidades femininas presentes em suas obras, trazem a questão do que é ser mulher, das lutas diárias e dos conflitos gerados a partir de uma tomada de consciência de seu papel na sociedade, no qual, segundo Spivak (2010) em seu livro *Pode o subalterno falar?*, considera que o papel do intelectual é dá voz e fazer com que os subalternos, os marginalizados possam falar e possam ser ouvidos, para ela, o papel da intelectual feminina é promover questionamentos e se criar espaços de auto representação, no qual “é principalmente, à mulher intelectual que seu apelo final se dirige – a ela caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual” (Spivak, 2010, p. 15).

Com isso, essas escritoras apresentam nas suas obras os anseios de suas personagens, seus medos, seus sonhos, suas experiências, demonstrando formas diferentes de resistir perante a uma sociedade machista e sexista. Para tanto, para entendermos o universo feminino proposto por essas autoras é necessário conhecer um pouco de suas histórias, entender como elas se relacionam com a temática dos “feminismos” das mulheres negras africanas e verificar o compromisso delas com uma escrita que traz elementos essenciais para a compreensão da história de mulheres excluídas e

marginalizadas, no qual, podemos deferir que “a escrita pode ser entendida como uma estratégia de poder, desenvolvida pelas mulheres no enfrentamento de situações em que as relações de gênero contribuem para a opressão feminina” (Santos; Mendes, 2016, p. 52), dando, dessa forma, voz e destaque a elementos de resistência presentes nas suas obras, nos comportamentos e personalidades de suas personagens femininas.

Para Chiziane (2013) a questão do lugar da mulher era algo limitado e colocado como absoluto tanto pela tradição como pelas instituições, no qual, seu lugar era circunscrito pelo espaço doméstico, cuidar do lar e dos filhos; ao sair desta limitação impostas pelas barreiras da sociedade, acabou encontrando muitas dificuldades, no qual, segundo ela, “devo confessar que nas condições da actual sociedade, se a mulher pretende um reconhecimento igual ao do seu parceiro masculino deve trabalhar duas ou três vezes mais.” (Chiziane, 2013, p. 203).

Durante a sua juventude participou ativamente de ações ligadas a política; na luta pela independência de Moçambique, militou como membro da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). No entanto, com o passar do tempo, ela deixou de se envolver com a política e dedicou-se a escrever as suas obras. Desiludida com a política dedicou-se a literatura e em 1990 tornou-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, e venceu em 2003 com o seu livro *Niketche: uma história de poligamia*, o Prêmio José Craveirinha, que é um dos prêmios mais importantes de literatura em seu país.

Verificar-se que seus trabalhos estão ligados as suas raízes culturais, abordando temas femininos em um país em que a atividade é exercida quase que em sua totalidade por homens, ela traz em sua obra elementos que se possam identificar as essências de Moçambique, apresentado suas histórias, suas tradições, suas lendas e seus costumes, elencado, dessa forma, as diferenças tanto do sul quanto do norte de seu país. Paulina Chiziane apresenta uma grande trajetória de vida, no qual, aborda temas femininos, a partir de sua perspectiva, trazendo em seus romances uma reflexão sobre a realidade de seu país, no qual, aponta as dificuldades encontradas pelas mulheres ao resistirem e lutarem para criar um mundo com mais igualdade entre mulheres e homens.

Em uma entrevista, Adichie (2017)³ respondeu que sempre foi familiarizada com as questões ligadas ao universo feminino, percebeu desde pequena as opressões que as mulheres sofriam; quando era pequena, era proibida de participar de determinados rituais, pelo fato de ser mulher, no entanto, via em seu núcleo familiar mulheres que lutavam frente a esses entraves que as limitavam, com isso

³ Entrevista publicada no site El País: Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html.

nasceu a sua paixão por falar em suas obras de mulheres, as suas experiências foram essenciais em sua jornada, para ela

Ser feminista te faz mais consciente dessas pequenas coisas, de que há pessoas às quais não ocorre que as mulheres também somos seres humanos. Sempre que me perguntam como cheguei a ser feminista, digo que não me fiz feminista, sempre o fui. Desde criança. E não por ter lido um livro. (Adichie, 2017).

Já a autora Mukasonga (2017)⁴, destaca-se em seu trabalho ao apresentar aspectos de seu país de origem, Ruanda, trazendo em sua obra personagens femininas emblemáticas, discutindo o papel da mulher e os pesos que a sociedade lhes atribui; verificar-se as lutas femininas dentro de espaços políticos, de locais públicos e lutas ligadas a questões de etnias, trazendo, dessa forma, em sua obra, os conflitos e estratégias de resistências de suas personagens femininas e ela destaca que “é papel das escritoras contribuir para a mudança da condição das mulheres.” (Mukasonga, 2017).

“FEMINISMOS” EM ÁFRICA

É importante ressaltar os debates acerca das questões femininas em África, no qual este apresenta características diversas e complexas, no qual, um problema encontrado e que estará presente ao longo do trabalho é a dificuldade de estabelecer ou de impor de uma forma generalizante um conceito de feminismo que abarque todas as mulheres africanas, no qual, segundo palavras de Joan Scott “o feminismo tem sido, nas últimas décadas, um movimento internacional, mas possui características particulares, regionais e nacionais” (Scott, 2011, p. 69).

Por isso, é necessário levar em consideração as experiências vivenciadas pelo sujeito, no qual, estas se diferem substancialmente umas das outras; o feminismo ocidental acaba por receber inúmeras críticas, ao atentar-se ao pequeno grupo de mulheres brancas pertencentes a classe média, não consegue abranger as experiências de mulheres negras, pobres e africanas, pois este feminismo

Tenha afirmado que seu objetivo era a emancipação de todas as mulheres da opressão sexista, falhou em considerar as peculiaridades das mulheres negras (...). Na prática, o feminismo se concentrou nas necessidades das mulheres brancas de classe média da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, fazendo-se passar por um movimento de emancipação da mulher, globalmente. (Ebunoluwa, 2009, p. 2).

Logo a partir dessas críticas ao feminismo ocidental, surgiram variantes africanas do feminismo que tinham como intuito abarcar todas as mulheres; dentro desta perspectiva, surgiram variantes como o “mulherismo”, o “motherism” e o “stiwatismo”. Destas a qual mais aproximou-se

⁴ Entrevista concedida ao site Achados e lidos, Disponível em: <http://www.achadoselidos.com.br/2017/10/27/entrevista-scholastique-mukasonga>

da mulher negra foi o mulherismo, no qual, “de acordo com a perspectiva afro americana, o mulherismo se trata de uma ideologia global que define a experiência dos negros na diáspora e dos que vivem na África.” (Ebunoluwa, 2009, p. 4). Entretanto esta variante e nenhuma outra derivante do feminismo, não se atentou para as diferenças dentro da própria diferença, a de gênero⁵, no qual

Essas tensões teriam se combinado para questionar a viabilidade da categoria ‘mulheres’ e para introduzir a ‘diferença’ como um problema a ser analisado. Inúmeras foram as contradições que se manifestaram, demonstrando a impossibilidade de se pensar uma identidade comum. A fragmentação de uma idéia universal de ‘mulheres’ por classe, raça, etnia, geração e sexualidade associava-se a diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista. Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades. (Soihet e Pedro, 2007, p. 287)

A África é um continente diversificado e heterogêneo, logo as experiências do feminismo ocidental, tomada como universal, não atenderia todas as mulheres africanas, pois as experiências seriam diferentes para cada uma, por essa razão Bakare-Yusuf (2003) acredita que o feminismo deveria se ater as especificidades e experiências vividas das mulheres, para ela “as oportunidades e ações para abrir o pensamento feminista africano surgem de se concentrar em experiências vividas e as complexas nuances, contradições e potencialidades da vida cotidiana” (Bakare-Yusuf, 2003, p. 15).

Para ela é necessário enxergar as diferenças dentro do próprio gênero, pois este apresenta inúmeras particularidades, dessa forma, o feminismo conseguirá abranger todas as mulheres, atentando-se para as experiências cotidianas vividas por cada uma delas dentro de seu espaço. Ao referirmo-nos a um termo para definir as lutas femininas, englobando-as em um termo, utilizaremos “feminismos” no plural, para designar um conjunto de diferenças presentes dentro destes grupos, no qual, ainda não se tem uma variante que possa abarcar todas as experiências femininas em África e de outros continentes.

NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE CHIZIANE

Na obra *Nikette: uma história de poligamia* de Paulina Chiziane, é possível percebermos as representações que são feitas das personagens femininas, imagens que na maioria das vezes acabam sendo concebidas e confirmadas pelas tradições e/ou pelas instituições, tais como por exemplo a

⁵ Termo usado por Bibi Bakare-Yusuf, no qual para ela há diferenças dentro do gênero, no qual é necessário que se atente para um feminismo focado nas experiências cotidianas das mulheres africanas.

escola; essas representações acabam delimitando-as aos serviços do lar, preparando-as desde pequena para o cuidado dos filhos, dos trabalhos domésticos e da lealdade e a submissão ao seu pai e posteriormente ao seu esposo, no qual, segundo Boutchich (2016, p. 23)

Com esta visão estereotipada, de índole degradante e difamadora da essência feminina, a romancista investiga a experiência da mulher-esposa para mostrar que tudo é regulado por preconceitos, que preservam e fomentam a imagem da mulher dócil, obediente, submissa e escravizada, que vive a sua imolação como a maior expressão de respeito ao seu marido, e neste respeito o sacrifício é uma virtude exigida à mulher.

A educação das personagens femininas desse romance é revelada quando se faz a pergunta de como foi a sua educação familiar para Rami, a protagonista e narradora do romance, no qual, se pergunta “e o que te ensinava a tua família? Falava-me da obediência, da maternidade” (Chiziane, 2004, p. 35), dessa forma, Rami deduz ao se lembrar de uma frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Ibidem) que ser mulher é uma construção social e cultural que acaba interferindo, moldando e enquadrando a mulher em determinados lugares, no qual, a protagonista se dará conta destas repressões e da marginalização das mulheres a partir do contato com as outras esposas de seu marido, com isso, Rami percebe que “o sistema patriarcal moçambicano educou as mulheres para o silêncio e para os três actos essenciais que garantem a dignidade da mulher: “ouvir”, “obedecer” e “cumprir” silenciosamente a “vontade divina” do pai, do irmão e do marido” (Boutchich, 2016, p. 61).

Mesmo fazendo o que a tradição lhe apresenta, a protagonista vive em constante solidão e tristezas, pois ela não consegue se encontrar como mulher e se sentir realizada, no primeiro momento acredita que a causa de seu sofrimento são as mulheres que seu esposo arranhou praticando o sistema da poligamia, no qual, ela descreve que a “poligamia é destino de homem e castidade é destino de mulher. Um homem mata para salvar a honra e é aplaudido. Uma mulher faz ciúmes e é condenada” (Chiziane, 2004, p. 130), entretanto, ao longo do romance ela começa a questionar o sistema do patriarcado e descobre o real motivo de sua infelicidade, ela compreende que sua infelicidade acontece em prol dos benefícios concedidos pela sociedade a figura masculina, no qual, “essa assimetria legalmente programada do status do sujeito, que efetivamente define a mulher como objeto de um marido, obviamente opera no interesse do sujeito-status legalmente simétrico do homem” (Spivak, 2010, p. 108).

A libertação dessas personagens se dá a partir de uma tomada de consciência de sua situação de opressão e das estratégias por elas criadas e manuseadas para resistirem as limitações que lhe são impostas; após utilizar a poligamia contra o próprio sistema de dominação masculina, as personagens percebem que a sua autonomia de dará definitivamente a partir de suas independências financeiras.

Segundo Rami, a opressão e falta de liberdade das mulheres se daria pelo fato delas dependerem financeiramente de seu esposo Tony, era necessário que elas conseguissem um emprego, uma renda, pois, dessa forma, se tornariam livres e não mais dependeriam dele, em uma conversa com as outras mulheres de seu esposo, ela diz “isto acontece porque não trabalham. Em cada sol têm que mendigar uma migalha. Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres dessa situação” (Chiziane, 2004, p. 117), dessa forma, Rami, empresta dinheiro para cada uma delas começarem seus negócios, seus trabalhos dão grandes frutos, elas tornam-se independentes e começam a se ter grandes mudanças no sistema de poligamia estabelecido entre elas e o seu esposo.

A partir das independências financeiras das personagens femininas do romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Chiziane, segundo Sanaa Boutchich, “com a autonomia econômica da qual começam a desfrutar, a autoestima recuperada, a nova situação de esposas legítimas, a possibilidade de tomada de decisões, a aquisição da força de uma voz autônoma, elas podem desestabilizar a ordem patriarcal” (Boutchich, 2016, p. 52), dessa forma, Tony perceber mudanças na sua relação com elas; cada uma delas preocupa-se mais com os seus negócios do que com os seus casamentos corrompidos e desgastados; elas começam a modificar o seu espaço e o acabam interferindo em outros espaços, o único que ainda não havia se dado da força feminina era o pobre Tony, no qual, elas acabam ironizando “pobre Tony. Ele acredita que as mulheres são destituídas de razão, vivendo apenas de emoção, incapazes de qualquer revolução” (Chiziane, 2004, p. 283).

As personagens acabam por fim conseguindo uma estabilidade financeira, se libertar das algemas de uma sociedade excludente e machista, conseguiram criar estratégias para resistirem as opressões, a marginalidade e a exclusão as quais estavam submetidas; utilizaram-se das oportunidades para se beneficiar ao utilizar a tradição a favor de suas causas, fazendo, dessa forma, uma (re)leitura dos valores da tradição a partir de suas experiências e de seus pontos de vistas; se solidarizaram-se com as causas das mulheres, perceberam que a maior resistência seria a união entre elas, pois, dessa forma, elas seriam mais fortes. Por fim cada uma teve a liberdade de escolher a sua própria história, libertaram-se do regime opressor e se conscientizaram de seus verdadeiros lugares e demonstraram que são fortes, que são mulheres e que estão prontas para a vida, comparando-se ao *Niketche*, no qual a Mauá diz que é “uma dança do amor, que as raparigas recém-iniciadas executam aos olhos do mundo, para afirmar: somos mulheres. Maduras como frutas. Estamos prontas para a vida!” (Chiziane, 2004, p. 160).

HIBISCO ROXO, DE CHIMAMANDA

É possível percebermos no romance de Chimamanda que as personagens femininas estão ligadas as suas experiências, a personagem Kambili e sua mãe Beatrice acostumaram-se ao tratamento que recebiam e acabaram por naturalizar as suas relações com o patriarca da família; entretanto, perceber-se de outro lado, a tomada de consciência das personagens Ifeoma e Amaka, na qual, elas se posicionam de forma resistente aos regimes opressores que tentam limitá-las e enquadrá-las em determinados padrões estabelecidos pela sociedade.

Beatrice era a imagem da mulher “perfeita”, no qual, é descrita como submissa, boa mãe e boa esposa, sendo sempre grata ao seu esposo, mesmo com as constantes violências que sofria por parte dele; Ifeoma não era bem vista, pelo fato de ser viúva e ser independente, por preferir o trabalho do que um novo casamento. Ao longo do romance é possível identificarmos a evolução de determinadas personagens, a tomada de consciência de suas verdadeiras situações, a (re)descoberta de novas realidades e as estratégias de resistência utilizadas por elas para combaterem as limitações e os padrões impostas a cada uma delas.

Com o processo de colonização sofrida por seu país, muitas culturas foram dizimadas, a cultura do colonizador foi imposta de maneira violenta sobre as demais culturas, muitos acabaram por assimilar esta cultura e tomando para si como sua, como é o caso de Eugene, entretanto, perceber-se a resistência por parte da família de Ifeoma em não aceitar totalmente os princípios disseminados pelo cristianismo, dessa forma, verifica-se constantemente a recusa e a resistência de Amaka em não aceitar escolher um nome inglês para a sua crisma, pois para ela, essa prática estaria a desvalorizar os povos que viviam naquele país e estariam a desprezar os significados de seus nomes em Igbo, “Amaka disse que não tinha interesse em escolher um nome em inglês.” (Adichie, 2011, p. 788), em seguida, ela explica o porquê da recusa, “quando os missionários chegaram aqui, eles achavam que os nomes do povo igbo não eram bons o suficiente. Insistiram para que as pessoas escolhessem um nome inglês antes de serem batizadas. Nós não devíamos ter progredido?” (Adichie, 2011, p. 875).

A cada situação em que são submetidas, cada personagem apresenta estratégias de resistência diferenciadas, percebermos os seus avanços e questionamentos quanto a situação a que estavam sendo submetidas, o medo acaba dando lugar para a coragem e força para que algumas personagens ultrapassem as barreiras impostas a elas ora pela tradição ora pela fé cristã. A trajetória de Kambili foi marcada pelo silêncio, medo e aprovação de seus atos pelo seu pai, entretanto, com a experiência vivida em Nsukka, na casa de sua tia Ifeoma, ela pode se deparar com outra realidade e a sua personalidade foi começando a ser moldada, ela começou a enfrentar os seus problemas e aos poucos

foi deixando de ter medo de seu pai, “-Quem trouxe o quadro para dentro desta casa?-Eu – disse eu. -Eu – disse Jaja. Se Jaja me olhasse, eu poderia deixar claro para ele que não deveria se culpar” (Adichie, 2011, p. 687).

Ela amadureceu e entendeu que era um ser feito de vontades, que não era necessário dizer sempre sim e fazer as vontades de terceiros, não era necessário agir tal como a religião lhe impusera, não era preciso sufocar-se com os seus sentimentos, era necessário liberta-se daquilo que lhe fazia tanto mal; por fim, ela percebeu a força que suas palavras e a ações continham e percebeu que podia tomar as suas próprias decisões, “mas venha passar algumas horas comigo quando eu estiver acabando de arrumar o escritório da paróquia – pediu o padre Amadi. – Não. Ele estacou e me olhou, espantado. – Por que não? – Porque não. Eu não quero.” (Adichie, 2011, p. 903). Ela deixa de se condenar pelo sentimento que nutre pelo padre de Nsukka, o padre Amadi, e decide vivê-lo mesmo não sendo correspondido, “[...]eu não me pergunto mais se tenho o direito de amar o padre Amadi; simplesmente o amo” (Adichie, 2011, p. 968).

Beatrice inicialmente mostrar-se uma mulher submissa ao seu esposo, calada quanto as constantes violência físicas que sofre por parte dele e sempre agradecida por seu esposo não ter arrumado outras esposas, pois com as suas posses ele deveria ter mais filhos, ficaria mais bem diante da sociedade, “nossa própria umunna não disse a Eugene que ele deveria escolher outra esposa, pois um homem de sua estatura não pode ter só dois filhos?” (Adichie, 2011, p. 242).

Beatrice acaba por deixar se abalar pelas construções das imagens femininas disseminadas especificamente pela sua comunidade, a mulher para o lar e para a procriação; entretanto, é possível verificarmos a sua evolução ao longo do romance, ela decide sair de sua casa após sofrer um aborto, ao voltar para o seu lar, as suas atitudes começaram a ser moldadas, seu medo foi transformando-se em atos de resistência, começou a fazer as claras o que fazia escondido por medo de seu marido, “não levou a comida até o quarto de Jaja escondido num pedaço de pano para que parecesse que estava apenas carregando a roupa limpa dele. Levou a comida numa bandeja branca e num prato de mesma cor” (Adichie, 2011, p. 831). Por fim, Mama acabou não suportando mais a situação a qual estava submetida, e acabou tomando medidas drásticas para o fim de sua opressão, ela envenenou o seu esposo “-Comecei a colocar o veneno no chá dele antes de ir para Nsukka. Sisi arrumou-o para mim; o tio dela é um curandeiro poderoso” (Adichie, 2011, p. 935).

Tanto Kambili quanto a sua mãe libertam-se da relação opressiva que viviam com Eugene, cada uma resistiu de uma forma diferente, por fim, é verificável que suas realidades acabaram mudando com as suas escolhas, “o silêncio paira sobre nós, mas é um tipo diferente de silêncio, um

que me permite respirar” (Adichie, 2011, p.974). Por fim, as suas lutas, as suas (re)descobertas possibilitaram que as personagens Kambili, Beatrice, Ifeoma e Amaka tomassem consciência de suas realidades e (re)criassem estratégias para combater o silêncio e a marginalidade as quais estavam sendo submetidas, suas vidas foram mudadas, pois, com “o questionamento dos valores morais, sociais e culturais e até religiosos e políticos, torna-se uma estratégia de desmitificação do poder masculino, historicamente exercido em detrimento da realização e afirmação do ser feminino” (Boutchich, 2016, p.62).

NOSSA SENHORA DO NILO, DE MUKASONGA

No romance de Mukasonga *Nossa Senhora do Nilo*, apresenta a história de um Liceu composto somente por meninas, na qual, ele dá ênfase a uma turma do último ano, no qual, as meninas estão prestes a se formar, das quais a maioria são da etnia hutu. O colégio destina apenas dez por cento de cotas para alunas da etnia tutsi e tem como objetivo educar as meninas para serem boas esposas e boas mães, para isso é necessário preservar as suas virgindades e as suas purezas e, dessa forma, elas conseguiriam bons casamentos,

É um liceu só de meninas. Os meninos estudam na capital. O liceu foi construído no alto e bem longe para preservar as meninas, para protegê-las do mal e das tentações da cidade grande. É que as jovens do liceu têm a promessa de bons casamentos e, para isso, precisam manter sua virgindade – ou, ao menos, não podem engravidar antes do casamento. (Mukasonga, 2017, p. 5)

Verificar-se que o liceu se preocupa com a imagem estipulada de “mulher perfeita”, que a sua educação está voltada para satisfazer os interesses de suas famílias ao lhes proporcionar bons casamentos, garantindo riquezas com esses compromissos, educando as meninas para o lar, para serem boas esposas e mães, no qual, “cria-se, assim, um efeito naturalizado da divisão dos atributos sociais dos sexos cuja concepção perversa terminará por legitimar a superioridade masculina em detrimento de um estatuto feminino digno de atenção e estima” (Santos; Rocha, 2014, p. 6). Para tanto, era necessário garantir uma educação baseada nos princípios cristãos, nos afazeres domésticos, tais como aprender a costurar e a cozinhar, e também se acostumar a utilizar a língua do colonizador, que nesse caso, seria o francês. Em um discurso a madre superiora fala sobre o objetivo do liceu, “lembrou que o objetivo do liceu era formar a elite feminina do país, as que tinham a sorte de estar ali na frente dela se tornariam modelos para todas as mulheres de Ruanda: não apenas boas esposas e boas mães, mas também boas cidadãs e boas cristãs.” (Mukasonga, 2017, p. 36). Os ensinamentos no liceu induzem a construção da imagem da mulher, do qual, é verificável a construção de imagens

de mulheres dóceis, dotadas de habilidades para o lar, ensinadas a serem boas mães e boas esposas diante de seus maridos, segundo Santana (2009, pp. 69;79)

Os contemplados pelo sistema educacional pertencerem, geralmente, ao grupo da pequena burguesia africana que não estava exposta às mesmas condições que a maioria da população. Por volta de 1912, alguns líderes desta pequena burguesia haviam se pronunciado em relação à inclusão das mulheres nos estabelecimentos de ensino (...) embora o real interesse fosse o de torná-las melhores mães e esposas em correspondência com o modelo europeu de comportamento social.

Com essas características, os casamentos trariam benefícios econômicos e políticos para as suas respectivas famílias e o casamento seria tratado como um bom negócio para seus pais que faturavam e se beneficiavam com o casamento de suas filhas, no qual, segundo Boutchich (2016), a esposa é considerada como uma propriedade adquirida pelo esposo, pela qual é concebida para satisfazer os seus interesses, segundo ela, “a esposa concebe-se como uma propriedade que se adquire, se compra e se vende, e, portanto, como um objeto que passa a fazer parte dos pertences ou posses que se podem usar, explorar” (Boutchich, 2016, p. 21). Quanto mais as meninas aperfeiçoassem as suas habilidades, quanto mais rápido elas conseguissem se formar e garantir logo um diploma, mais o seu valor matrimonial era aumentado e mais vantagens seus pais conseguiriam com os seus casamentos, isso fica evidente em uma conversa entre Gloriosa e Immaculée, no qual, é discutido sobre o avanço e destino das mulheres

-Gloriosa, você acha que está na hora de fazer mais um de seus discursos políticos, como se estivéssemos numa reunião – disse Immaculée. -Falemos, então, sobre o avanço das mulheres! Se estamos aqui, ao menos a maioria, é pelo avanço da família, não pelo nosso futuro, mas pelo futuro do clã. Antes de vir, já éramos boas mercadorias, afinal somos quase todas filhas de gente rica e poderosa, filhas de pais que saberão nos negociar ao preço mais alto, um diploma só vai aumentar nosso valor. (Mukasonga, 2017, p. 138)

Algumas alunas são conscientes de seus destinos e do que lhes é reservado a partir da conclusão de sua formação no liceu e do recebimento de seus diplomas, outras moças, entretanto, vangloriam-se e naturalizam a situação a qual estão submetidas, consideram-se privilegiadas e satisfeitas com os negócios que seus pais fazem com os seus casamentos, ou seja, “o casamento das filhas é uma questão política para eles e as moças têm orgulho de si, elas sabem o valor que têm” (Mukasonga, 2017, p .5).

As meninas do liceu aprendem que, quanto mais afeiçoadas aos afazeres domésticos e os conciliando em ser boas esposas e mães, elas conseguirão a partir de seus diplomas um bom casamento; dentro do liceu a imagem da construção da mulher é transmitida como sendo pecadora, culpada por ser o que é, “agora você se tornou uma mocinha. Você vai ver como é sofrido: foi Deus que quis assim por causa do pecado de Eva, porta do diabo, a mãe de todas nós. As mulheres são

feitas para sofrer” (Mukasonga, 2017, p. 95), dessa forma, as meninas ao tornarem-se mulheres eram vistas com outros olhares, jogando em seus ombros o fardo de serem mulheres; para serem consideradas na sociedade era necessário que elas se casassem e tivessem filhos, de preferência do sexo masculino, pois isso garantiria status diante da sociedade

Mas agora deveríamos estar felizes de ver nosso sangue todos os meses. Isso também quer dizer que somos mulheres, mulheres de verdade que vão ter filhos. Você sabe que, para a gente se tornar uma mulher, precisa ter filhos. Quando casam a gente, é o que esperam. Não somos nada para os maridos e para a nova família se não tivermos filhos. Temos de ter filhos, de preferência meninos. E, quando temos filhos, nos tornamos uma mulher de verdade, nos tornamos mãe, aquela que todos respeitam. (Mukasonga, 2017, p. 102)

Mesmo com as constantes proibições dentro do liceu, impondo as moças o que elas devem vestir, o que devem comer e como devem se comportar, verifica-se que os comportamentos e os modos de pensar das meninas da turma do último ano, acaba por mudar de maneira significativa após a morte de sua colega de turma Frida. Ela acabou se envolvendo com um homem mais velho e que possuía grandes riquezas, seu noivado foi rapidamente aceito pelo seu pai, que via nessa união a possibilidade de ampliar os seus negócios, Frida envolveu-se com o seu pretendente o embaixador Balimba dentro do liceu e acabou ficando grávida, entretanto, a sua gravidez foi de risco e ela acabou não concebendo o filho e morreu em um acidente de carro. A morte de Frida possibilitou que as alunas do último ano refletissem e questionassem o que era ser mulher na sociedade de Ruanda e que fim as esperariam com os casamentos arranjados por seus pais como uma moeda de troca de interesses, “precisavam rejeitar essa imagem: Frida, ela era como o espelho negro em que cada uma podia ler o próprio destino” (Mukasonga, 2017, p. 140).

Em pequenas atitudes diante das opressões que as alunas, principalmente as tutsis, sofrem no liceu, por não pertencerem ao “povo majoritário”, revelam-se em seus comportamentos significativas formas de resistência diante da situação em que tentam enquadrá-las, diante da situação em que o liceu é comandado pelos hutus e que as alunas tutsis são caçadas para serem exterminadas; Virginia fica no dilema entre fugir e ficar, por fim percebemos que seu modo de pensar a induziu a ficar, pois ela lutaria até o fim para conseguir o seu diploma, dessa forma, estaria honrado a sua mãe e as meninas que não conseguiram adentrar pelo sistema injusto das cotas,

-Escute -disse Virginia – não vou sair do liceu sem o meu diploma, nunca. Se você soubesse o que ele significa para a minha mãe e os sonhos que ela fez por causa de um pedaço de papel. Além do mais, penso em todas aquelas que eram tão inteligentes quanto a gente, e talvez até mais, e que foram excluídas pela famosa cota. Elas tiveram que se resignar e se tornar camponesas simples e pobres para a vida toda. É um pouco por elas que quero esse diploma, mesmo que, em Ruanda, ele corra o risco de não servir para grande coisa. (Mukasonga, 2017, p. 237)

Diante dessa situação tensa, Virginia se mantém convicta de que a sua luta não é somente por ela e sim por todas aquelas que não puderam chegar aonde ela estava e que não tiveram a oportunidade de receberem a instrução, que lhes foi negada pelo sistema injusto das cotas. Percebemos ao longo do romance as constantes rivalidades entre as meninas que pertenciam a etnia hutu e as que pertenciam a etnia tutsi, na qual, principalmente Gloriosa, queria dá um fim em suas colegas de turma Virginia e Verônica que eram tutsis, verificamos, como Gayatri Spivak bem assinalou, que as opressões de gênero, infelizmente, também acabam sendo realizadas por mulheres, segundo ela, “com respeito à “imagem” da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação” (Spivak, 2010, p. 66).

Por fim, mesmo pertencendo a etnia dos hutus, Immaculée, mostrar-se solidaria e compreensiva aos problemas femininos de uma forma geral, ela acaba por ajudar a Virginia a sobreviver o massacre ocorrido dentro do liceu, que acabou matando muitas alunas tutsis e desabafa dizendo que sua atitude sempre era a contrária do que a maioria desejava, a maioria preferia a dor, o sofrimento, a morte das tutsis, ela, entretanto, queria ajudar, mostrar que era diferente das outras

-Immaculée, eu devo a minha vida a você, mas ainda não entendi por que você fez isso tudo por mim. Eu sou uma tutsi e nem era sua amiga de verdade (...) -Eu adoro os desafios. Acho que eu ficava mais atraída pela moto que aterrorizava as ruas de Kigali do que pelo meu namorado; eu fui ver os gorilas porque eu detestava Gloriosa; eu queria salvar vocês, você e Verônica, porque as outras queriam matá-las e, agora, decidi desafiar todos os homens, estou indo ficar com os gorilas. (Mukasonga, 2017, p. 259)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos romances analisados, perceber-se uma forte influência de aspectos culturais e políticos que resultaram a partir do processo de “descolonização” do continente africano, de suas lutas e embates pelas suas independências, no qual, esses resultados acabaram influenciando a vida social de seus habitantes, principalmente em relação as mulheres. Perceber-se nessas obras que as personagens femininas são restritas, na maioria das vezes, em espaços domésticos, no qual, as suas funções resumem-se em cuidar dos filhos, de questões ligadas a casa e a ser uma boa esposa ao seu marido; salvo as exceções, aparecem mulheres que transgrediram a essas barreiras, mas que infelizmente acabam não sendo bem vistas pela sociedade.

A partir das dificuldades encontradas pelas personagens femininas desses romances, dificuldades ora estabelecidas e impostas pela tradição, ora realizadas por questões de interesses políticos e econômicos, percebemos na maioria das personagens protagonistas femininas estratégias criadas para resistirem a essas limitações impostas a elas. É interessante observarmos que à medida

que essas estratégias são criadas, mas espaços elas conseguem adentrar e começam a tomar consciência de seus verdadeiros lugares; utilizaram-se das estratégias que por muito tempo as limitavam a somente em espaços do lar, criaram e ressignificaram as ideias disseminadas pelos colonizadores e as utilizaram a seu favor, entendendo, dessa forma, as dinâmicas estabelecidas entre colonizados versus colonizadores, questões de gênero e de etnias. A partir desta tomada de consciência do que é ser realmente mulher e de suas lutas, é possível identificar nos romances uma evolução positiva das personagens ao adentrarem em novos espaços.

Por fim, as obras em seu conjunto total, apresentam grandes semelhanças entre as suas personagens, demonstram as representações e as imagens femininas criadas tanto pela sociedade quanto pela tradição, com o intuito de limitá-las aos espaços domésticos, sendo moldadas para o lar para serem boas esposas e boas mães; entretanto, verificamos a tomada de consciência dessas personagens e as suas lutas para resistirem diante destas imposições opressoras, marginalizadora e excludentes, verificamos as suas liberdades e as estratégias por elas criadas para resistirem as imposições e limitações que são impostas a elas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. Entrevista: Chimamanda Ngozi Adichie: “Nossa época obriga a tomar partido. **Brasil El País**; 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html. Acesso em: 25 de set. 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. Tradução fulia Romeu. - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BAKARE-YUSUF, Bibi. Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana. **Feminist Africa**, Issue 2, 2003. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/bibi_bakare-yusuf_-_al%C3%A9m_do_determinismo._a_fenomenologia_da_exist%C3%Aancia_feminina_africana.pdf. Acesso em: 25 de set. 2021.

BOUTCHICH, Sanaa. **A imagem da mulher e a construção da identidade feminina na narrativa de Paulina Chiziane**. 2016. 101 f. Dissertação de Mestrado em Letras, 2016. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24544/1/ulfl212808_tm.pdf. Acesso em: 25 de set. 2021.

CHIZIANE, Paulina. Eu, Mulher... Por Uma Nova Visão Do Mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29695>. Acesso em: 26 de set. 2021.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia; — Sao Paulo : Companhia das Letras. 2004.

EBUNOLUWA, Sotunsa Mobolanle. Feminismo: a busca por uma variante africana. **The Journal of Pan African Studies**, vol.3, n.1, p. 227-234, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. - São Paulo: Atlas 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em: 26 de set. 2021.

MUKASONGA, Scholastique. Entrevista. **Achados e Lidos**, 2017. Disponível em: <http://www.achadoselidos.com.br/2017/10/27/entrevista-scholastique-mukasonga/>. Acesso em: 25 de set. 2021.

MUKASONGA, Scholastique. **Nossa Senhora do Nilo**. Tradução Marília Garcia, editora Nó, 2017.

SANTANA, Jacimara Souza. A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias (REVISTA TEMPO 1975-1985). **Revista Sankova**, V.2, Nº 4, dez. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88746> Acesso em: 26 de set. 2021.

SANTOS, Áurea Regina do Nascimento; MENDES, Algemira de Macedo. Paulina Chiziane: Uma Escrita de Gênero e de Representação de Dilemas Culturais. **Revista Cerrados**, v.25, n. 41, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25389>. Acesso em: 25 de set. 2021.

SANTOS, Danilo Pereira; ROCHA, Caio César Silva. Discursos que Destoam: Relações de Poder e Resistência na Literatura Feminina Negra. **Revista Entrelaces**, Ano IV, nº04, setembro de 2014.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In.: In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, nº 54, p. 281-300, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 de set. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133 p.